

98

ARTIGO

NOVAS PERSPECTIVAS  
SOBRE A ARQUITETURA  
RITUAL DO PLANALTO  
MERIDIONAL  
BRASILEIRO:  
PESQUISAS RECENTES  
EM PINHAL DA SERRA,  
RS

1. Jonas Gregorio de Souza e 2. Silvia Moehlecke Copé

1. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do MAE-USP, bolsista CAPES e pesquisador associado ao NuPArq-UFRGS. Núcleo de Pesquisa Arqueológica - NuPArq - Departamento de História - IFCH. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Avenida Bento Gonçalves, 9500. Porto Alegre - RS.  
jonas.gregorio@yahoo.com.br.

2. Professora do Departamento de História e coordenadora do NuPArq-UFRGS. Núcleo de Pesquisa Arqueológica - NuPArq - Departamento de História - IFCH. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Avenida Bento Gonçalves, 9500. Porto Alegre - RS.  
smcope@terra.com.br.

## ABSTRACT

In this article we present the results of excavations in southern Jê mounds and earthworks located in Pinhal da Serra, Rio Grande do Sul. We make a distinction between small earthworks around burial mounds and large earthworks around a central plaza. In one of the mounds, we found two cremated burials, one primary and the other secondary. A large earthwork exhibited stratigraphical evidence that the earth for its construction was possibly brought from a long distance. We conclude that the mounds and small earthworks were cemeteries for groups inhabiting pit houses nearby, while the large earthworks would demand, for their construction, the aggregation of many dispersed communities, which would also gather for rituals in the wide internal space of these structures.

**KEY WORDS** southern Jê, funerary ritual, earthworks and mounds

## RESUMO

Neste artigo apresentamos o resultado de escavações em montículos e aterros anelares Jê do Sul no município de Pinhal da Serra, RS. Fazemos uma distinção entre pequenos aterros cercando montículos funerários e grandes aterros cercando uma praça interna. Em um montículo funerário encontramos dois sepultamentos cremados, um primário e o outro secundário. Um grande aterro apresentou, em sua estratigrafia, evidências de que a terra usada em sua construção possivelmente foi trazida de longa distância. Concluímos que os montículos e pequenos aterros seriam cemitérios de grupos habitando casas semi-subterrâneas vizinhas, enquanto os grandes aterros anelares demandariam, para sua construção, a agregação de diversas comunidades dispersas, que também participariam de rituais no amplo espaço interno dessas estruturas.

**PALAVRAS-CHAVE** Jê do Sul, rito funerário, aterros anelares e montículos.

## INTRODUÇÃO

Este artigo é decorrente de uma comunicação por nós apresentada no simpósio “Más allá de los Andes: monumentalidad y espacios públicos en las tierras bajas sudamericanas”, ocorrido em 2009 durante o XV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira. O objetivo do simpósio era comparar diferentes casos de emergência de sociedades de nível médio de complexidade nas terras baixas da América do Sul, sendo uma de suas características arqueologicamente reconhecíveis o investimento em construções monumentais e espaços públicos. O caso que apresentamos refere-se aos montículos funerários e grandes aterros anelares de função ritual dos grupos Jê do Sul, tradição arqueológica Taquara, em período pré-colonial. Acreditamos que esses sítios devem ser compreendidos como um dos muitos elementos no sistema de assentamento desses grupos, que incluía também conjuntos de casas semi-subterrâneas, sítios líticos e sítios lito-cerâmicos a céu aberto. A fim de compreender esse sistema de assentamento, examinamos inicialmente os diferentes tipos de sítios registrados e escavados pela equipe do Núcleo de Pesquisa Arqueológica (NuParq) da UFRGS no município de Pinhal da Serra, RS. Para a análise específica dos aterros anelares e montículos, selecionamos para apresentação os resultados das escavações de duas estruturas do sítio RS-PE-29: um montículo funerário cercado por um pequeno aterro anelar de 20 m de diâmetro, e um grande aterro anelar de 80 m de diâmetro cercado um amplo espaço vazio. Os dados provenientes dessas escavações nos permitiram levantar hipóteses relativas à articulação entre esses “centros cerimoniais” e os demais sítios da região, assim como questões relacionadas à escala da população que os construiu e utilizou.

## O PROJETO DE ESCAVAÇÕES EM PINHAL DA SERRA

Desde 2001 a equipe do Núcleo de Pesquisa Arqueológica (NuParq) da UFRGS está envolvida com o projeto de escavação dos sítios arqueológicos no entorno da Usina Hidrelétrica de Barra Grande, rio Pelotas, município de Pinhal da Serra, Rio Grande do Sul, na divisa com Santa Catarina. Em termos geomorfológicos, essa área faz parte do Planalto das Araucárias, cuja cobertura vegetal se destaca pela presença de floresta ombrófila mista (caracterizada pela predominância da *Araucaria angustifolia*) intercalada com campos (IBGE, 1992).

Um levantamento inicial da área havia sido realizado na década de 1980 pelo arqueólogo P. A. Mentz Ribeiro, que localizou sítios da tradição Taquara, incluindo casas semi-subterrâneas e sítios com aterros anelares e montículos. As datas de C14 obtidas em duas casas do sítio RS-PE-10, uma casa do sítio RS-PE-26 e outra casa do sítio RS-PE-28 se situaram entre cal AD 1.300 e 1.560 (Ribeiro & Ribeiro, 1985:79-80). Os sítios líticos da área foram remetidos por Ribeiro a um período pré-cerâmico. Além da localização e escavação de novos sítios, os trabalhos da equipe da UFRGS trouxeram novas hipóteses de pesquisa: a partir de uma perspectiva sistêmica, a variabilidade de sítios na área foi entendida como representando não períodos distintos, mas diferenças funcionais dentro de um mesmo sistema de assentamento (Copé et al., 2002) (Figura 1).

Entre os diferentes tipos de sítios, podemos contar 1) as estruturas semi-subterrâneas; 2) os sítios lito-cerâmicos superficiais; 3) os sítios líticos superficiais; 4) os conjuntos de aterros anelares e montículos. As estruturas ou casas semi-subterrâneas são encontradas predominantemente em cotas altas, acima dos 800 m de altitude, em zonas

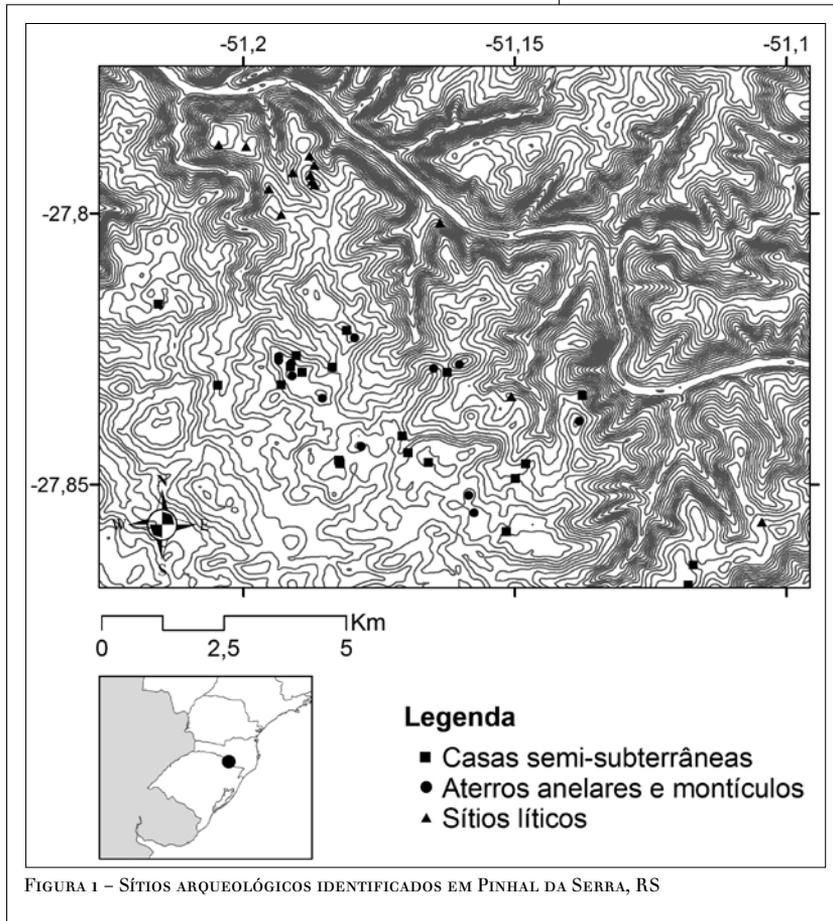


FIGURA 1 – SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS IDENTIFICADOS EM PINHAL DA SERRA, RS

de transição entre os campos e a floresta ombrófila mista que, nessas altitudes, é composta principalmente por matas de araucária. A maioria dos sítios é composta de 1 ou 5 estruturas, embora existam conjuntos de 6, 15, 19 e até 23 estruturas semi-subterrâneas. Nesses conjuntos, há uma predominância de estruturas pequenas e médias, entre 2 e 8 m de diâmetro (Saldanha, 2005; Copé, 2007).

Os sítios lito-cerâmicos são variados em termos de dimensões: os sítios maiores, com concentrações densas de artefatos, grande diversidade artefactual, e micro-estruturas de fogueira parecem corresponder a habitações, com a dispersão do material sugerindo descarte primário de unidades domésticas, enquanto os sítios menores, muito variados (alguns com, outros sem micro-estruturas de fogueira e ne-

gativos de postes) mas com menor diversidade de artefatos, poderiam corresponder a lugares de atividades específicas de diferentes tipos, como acampamentos ou habitações temporárias de famílias nucleares (Saldanha, 2005; Copé, 2007).

Os sítios líticos superficiais apresentam concentrações esparsas de grandes artefatos bifaciais, sem micro-estruturas como fogueiras ou bolsões de lascamento. Concentram-se em cotas altimétricas baixas, nas encostas pró-

ximas à calha do rio Pelotas, em zona de floresta ombrófila mista. Ao contrário do que supunha Ribeiro, atualmente é possível interpretar esses sítios como áreas de atividades específicas dos ceramistas, provavelmente ligadas à abertura de roças e ao cultivo (Saldanha, 2005; Copé, 2007). Tal associação é demonstrada pela presença, nesses sítios, dos mesmos tecno-tipos identificados nos sítios considerados de habitação – lito-cerâmicos ou de estruturas semi-subterrâneas – somado ao fato de que, nos sítios de habitação, encontra-se grande quantidade de debitage e de lascas de façongem, o que sugere que os instrumentos eram fabricados nas áreas domésticas e então transportados às áreas onde eram utilizados (Copé et al., 2002; Saldanha, 2005).

## OS ATERROS ANELARES E MONTÍCULOS

Nosso foco neste artigo é um outro tipo de sítio: os aterros anelares e montículos. Estruturas construídas em terra com diferentes funções existem em todo o território Jê do Sul, o que causa uma profusão de termos para descrevê-los. Em conformidade com a proposta de Copé (2006:380) reservamos o termo montículo para as estruturas de caráter funerário. Estas não devem ser confundidas com os depósitos resultantes da construção de casas semi-subterrâneas que, quando possuem a função de nivelar o terreno circundante à casa, podem ser chamados de aterros. Em Pinhal da Serra e em outras regiões do planalto, os montículos aparecem cercados por aterros anelares, termo que adotaremos para designar “muros” de terra formando um contorno circular ou, mais raramente, retangular. Esse tipo de sítio foi inicialmente estudado na província argentina de Misiones, cidade de Eldorado, onde, no topo de um morro com boa vista dos arredores, um aterro anelar de 180 m de diâmetro cercando um montículo em associação com cerâmica Taquara (chamada então de Eldoradense) e unido a outros quatro aterros anelares foi descrito pelo arqueólogo Oswald Menghin, que interpretou essa estrutura como remanescente de uma antiga paliçada cercando um túmulo, representado pelo montículo, à semelhança das atuais aldeias circulares Jê (Menghin, 1957). Recentemente, os trabalhos nesse sítio foram retomados por Iriarte et al. (2008, 2010) com novas questões e resultados, como comentaremos mais adiante.

Após as descobertas de Menghin, sítios similares foram identificados no Paraná e em Santa Catarina. No Paraná, Chmyz (1968) encontrou, no médio vale do rio Iguaçu, conjuntos de montículos alongados em topos de morros. Em um dos casos, os montículos estavam cercados por um aterro anelar. Não foi possível identificar vestígios di-

retos de sepultamentos nessas estruturas, embora o autor descreva que na base de um dos montículos escavados havia uma fina camada de cor escura contendo muitos carvões (Chmyz, 1968:46).

No planalto leste de Santa Catarina, nos arredores de Urubici, o arqueólogo João Alfredo Rohr (1971) identificou aterros anelares com dimensões que variavam de 15 a 70 m de diâmetro, localizados sempre em topos de morros com vista panorâmica dos arredores. Dos sítios visitados por Rohr, os aterros menores, de 15 e 20 m de diâmetro, cercavam montículos, ao passo que os de maiores dimensões, entre 50 e 70 m de diâmetro, não apresentavam montículo em seu centro. Apesar da denominação popular de “danceiros” ou “terreiros de dança dos bugres”, Rohr conclui a partir de suas escavações que tais sítios seriam remanescentes de antigas aldeias fortificadas, uma interpretação similar à de Menghin.

Os aterros anelares e montículos de Pinhal da Serra foram primeiro descritos por Ribeiro (Ribeiro & Ribeiro, 1985). Levando em conta a possibilidade de os montículos encerrarem sepultamentos, o arqueólogo recolheu amostras do solo para testes de Ph, que não apontaram qualquer diferença entre o solo dos montículos e o do terreno circundante. Somando isso ao fato de que nas estruturas por ele escavadas foram encontrados fogões e cerâmica, Ribeiro segue Rohr e Menghin em suas conclusões e interpreta as estruturas de Pinhal da Serra como vestígios de aldeias cercadas por paliçadas, embora reconheça que algumas pudessem ter funções distintas (Ribeiro & Ribeiro, 1985:90-91). Na verdade, a possibilidade de que os montículos poderiam ser de caráter funerário sempre foi sugerida, mas nenhuma escavação pôde comprová-la, de modo que a hipótese das “aldeias fortificadas” foi mantida.

Uma vez que os trabalhos da equipe da

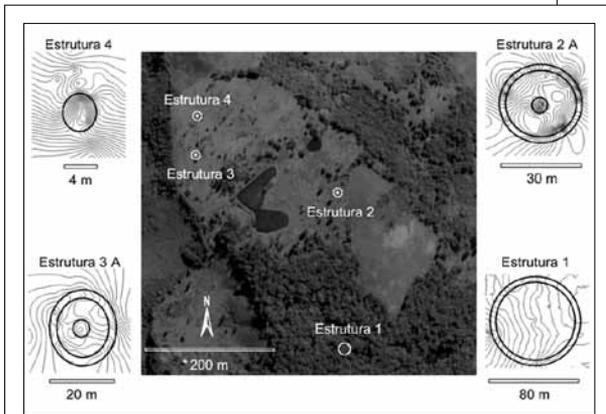


FIGURA 2. LOCALIZAÇÃO DAS DIFERENTES ESTRUTURAS DO SÍTIO RS-PE-29, COM PLANTAS TOPOGRÁFICAS EM DETALHE. IMAGEM DE SATÉLITE DO GOOGLE EARTH. TOPOGRAFIAS REALIZADAS ENTRE JULHO DE 2007 E FEVEREIRO DE 2009 POR RODRIGO TORRES (ESTRUTURA 1) E JONAS SOUZA (ESTRUTURAS 2, 3 E 4)

UFRGS no mesmo município foram guiados por uma perspectiva sistêmica, que considera que os diferentes tipos de sítios representam diferentes atividades realizadas por um grupo humano em seu território, procurou-se, por amostragem, escavar um sítio de cada tipo a fim de se compreender sua função no sistema de assentamento local. O sítio de aterros anelares e montículos inicialmente escolhido para escavação foi o sítio RS-PE-21. Este consiste em dois aterros anelares de 15 e 20 m de diâmetro, ambos cercado montículos. Foi aberta uma trincheira cortando parte do aterro da estrutura maior, bem como seu montículo central. Neste, aos 45 cm de profundidade, foi localizada uma micro-estrutura de fogueira com ossos calcinados, cercada por terra queimada (Copé et al., 2002). Isso confirmou a função funerária dos montículos, e desde então sítios semelhantes foram identificados e escavados no vale do rio Pelotas e do rio Canoas em Santa Catarina, via de regra encontrando-se sepultamentos nos montículos (Herberts & Müller, 2007; Müller, 2008; De Masi 2006, 2009).

Este padrão, contudo, não é encontrado em toda a área de dispersão Jê meridional, sendo mais comum, em certos locais, o sepultamento

coletivo em grutas. Saldanha (2008) utilizou essa diferença para desfazer a imagem demasiadamente homogênea que se construiu sobre os grupos Jê meridionais no passado. Para o autor, a diferença nos padrões de sepultamento entre Pinhal da Serra e Bom Jesus, RS, implica distintas concepções de ancestralidade e descendência. Em Bom Jesus, onde há sepultamentos coletivos em grutas em que os falecidos estão acessíveis à visita futura e manipulação, os ritos funerários estariam voltados para a negociação de territórios extensos congregando unidades formadas por diversas famílias dispersas, agregadas pelo uso dos abrigos rochosos

para sepultamentos coletivos. Por outro lado, em Pinhal da Serra, os aterros anelares e montículos seriam de propriedade de grupos domésticos específicos, que por meio de tais monumentos funerários demarcariam seus territórios por referência a uma série de ancestrais identificáveis (Saldanha, 2008).

No entanto, nem todos os sítios de aterros anelares são de caráter funerário. Gostaríamos de ilustrar a variabilidade desses sítios a partir do conjunto abarcado sob a denominação RS-PE-29, que representa a maior concentração de aterros anelares e montículos na região de Pinhal da Serra. Esse conjunto tem sido trabalhado intensivamente desde 2007 pela equipe da UFRGS. Todas as estruturas foram construídas no topo alongado de um morro, em uma altitude de 900 m, com ampla vista dos arredores (Figura 2). A Estrutura 1 possui as maiores dimensões da região: trata-se de um aterro anelar, de forma circular, com 80 m de diâmetro, porém sem montículo em seu centro (Figura 3). Essa estrutura encontra-se entre as descritas por Ribeiro, tendo sido escavada pelo mesmo (Ribeiro & Ribeiro, 1985). Retornamos ao local com objetivos diferentes, buscando compreender o processo de construção do aterro anelar, que poderia ter se dado de duas

formas: ou através do uso da terra do próprio local, ou através do transporte de terra recolhida em outra fonte. Essa segunda hipótese é sugerida pelo relato de Mabilde (1897:165) a respeito da construção de um montículo sobre a sepultura de um cacique Kaingang, empreitada para a qual seus subordinados transportavam terra em cestos desde uma distância considerável, indo buscá-la nos barrancos às margens de algum arroio ou sanga. A fim de resolver a questão, abrimos duas trincheiras, uma cortando o aterro e outra na área interna cercada por ele, além de poços-teste nas áreas externas, fora da estrutura. A comparação da estratigrafia das diferentes áreas é um primeiro indício de que o aterro anelar foi construído com terra vinda de outro local, embora análises de solo ainda estejam para ser realizadas, de modo a fundamentar essa hipótese. O que ficou claro durante os trabalhos de campo é que a trincheira escavada cortando o aterro revelou duas camadas inexistentes no espaço interno da estrutura. Após a camada húmica (I) e a camada II, mais argilosa e compacta, o aterro apresentou uma camada (III) bastante argilosa e viscosa, com uma mistura de manchas acinzentadas e escuras. A camada seguinte (IV) apresentava a mesma textura argilosa, coesa e viscosa, embora houvesse uma mudança na cor, mais amarelada, permanecendo, contudo, as manchas escuras. A coloração acinzentada e escura existente nessas duas camadas parece ser decorrente da presença de certa quantidade de matéria orgânica, o que, somado às demais características, leva a crer que esse sedimento tenha sido transportado da beira de algum lago ou córrego, embora ainda não tenhamos determinado sua origem (Figura 5). Essas camadas não estão presentes nas áreas internas ou externas ao aterro anelar, que apresentaram apenas a transição entre camada húmica e basalto decomposto comum ao latossolo da região, de modo que sugerimos que as cama-

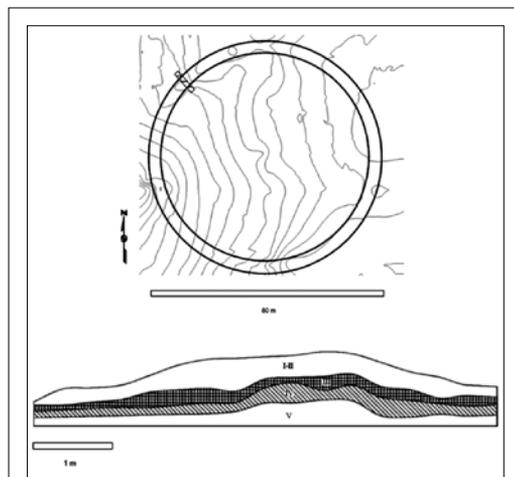


FIGURA 5. PLANTA TOPOGRÁFICA DO SÍTIO RS-PE-29, ESTRUTURA 1, COM IDENTIFICAÇÃO DA TRINCHEIRA ESCAVADA SOBRE O ATERRO ANELAR. ABAIXO, ESTRATIGRAFIA DO ATERRO ANELAR, COM DESTAQUE PARA AS CAMADAS III E IV, QUE REPRESENTAM O EVENTO DE CONSTRUÇÃO. ABAIXO DELAS, A CAMADA V JÁ CORRESPONDE AO BASALTO DECOMPOSTO

das III e IV representam o evento de construção do aterro anelar. Ao se realizarem análises do solo recolhido nessas distintas áreas será possível testar a possibilidade, levantada pela comparação das estratigrafias, de que o

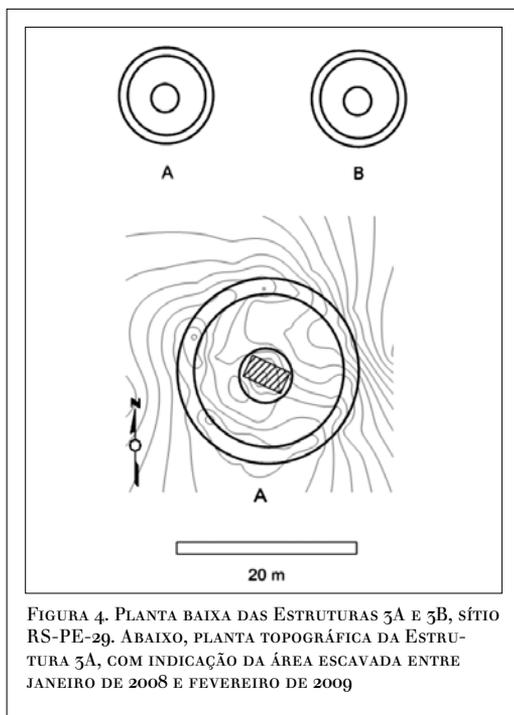


FIGURA 4. PLANTA BAIXA DAS ESTRUTURAS 5A E 5B, SÍTIO RS-PE-29. ABAIXO, PLANTA TOPOGRÁFICA DA ESTRUTURA 5A, COM INDICAÇÃO DA ÁREA ESCAVADA ENTRE JANEIRO DE 2008 E FEVEREIRO DE 2009

aterro foi construído com sedimento alóctone – o que assumimos, no momento, como uma hipótese de trabalho.

Cerca de 400 m a noroeste, encontra-se a Estrutura 3, composta de dois aterros anelares, ambos de forma circular e com 20 m de diâmetro, denominados A e B, cada um cercando um montículo (Figura 4). Entre 2008 e 2009, escavamos o montículo central da Estrutura 3A. Aos 25 cm de profundidade, localizamos duas micro-estruturas, a primeira delas constituída por uma mancha acinzentada, pequenos nódulos alaranjados e carvões, e ossos calcinados. Após completamente escavada a micro-estrutura, retirados todos os ossos e carvões, foi possível observar que esta se assentava sobre um aprofundamento da camada, formando uma cova. A segunda micro-estrutura, loca-

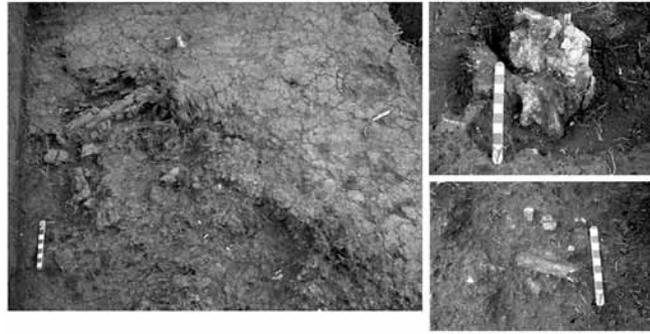


FIGURA 5. FOTOGRAFIAS DA PIRA FUNERÁRIA (À ESQUERDA) E DAS CONCENTRAÇÕES DE OSSOS CALCINADOS (À DIREITA). MONTÍCULO CENTRAL DA ESTRUTURA 3A, SÍTIO RS-PE-29

lizada ao lado da primeira, consistia em diversos carvões de grandes dimensões e ossos calcinados cercados por terra queimada. A disposição e alinhamento dos carvões, alguns paralelos, outros perpendiculares, permitem visualizar a forma da pira funerária (Figuras 5 e 6). As datações feitas a partir do carvão associado aos ossos revelaram que essas duas micro-estruturas não são contemporâneas, sendo a primeira datada de  $490 \pm 40$  BP, cal AD 1410 a 1440 (Beta-242869), e a segunda de  $540 \pm 40$  BP, cal AD 1480 a 1630 (Beta-242860). Essa última parece ser contemporânea ao sepultamento no sítio RS-PE-21, o primeiro da região a ser escavado pela equipe da UFRGS, cuja datação se situou em  $550 \pm 40$  BP, cal AD 1480 a 1630 (Beta-242868).

Ocorrem, portanto, tanto sepultamentos primários quanto secundários. No primeiro caso, representado pelo segundo sepultamento do sítio RS-PE-29 3A e pelo sepultamento do sítio RS-PE-21, o montículo é erguido diretamente sobre os vestígios da pira funerária, como é possível observar pela quantidade e disposição dos carvões, bem como pela presença de terra queimada cercado a micro-estrutura. No segundo caso, representado pelo primeiro sepultamento do sítio RS-PE-29 3A, o corpo é cremado em um determinado local, seus ossos desarticulados são recolhidos e transportados,

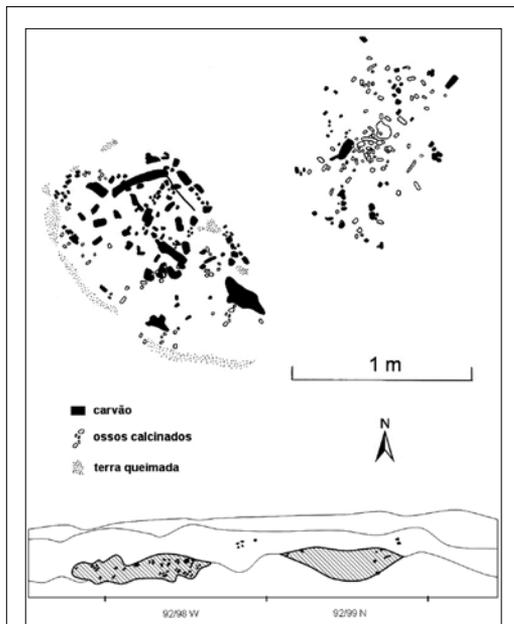


FIGURA 6. PLANTA FINAL DA ESCAVAÇÃO NO MONTÍCULO DA ESTRUTURA 3A, SÍTIO RS-PE-29. À ESQUERDA, NOTA-SE A PIRA FUNERÁRIA E, À DIREITA, O SEPULTAMENTO SECUNDÁRIO. ABAIXO, DETALHE DA POSIÇÃO ESTRATIGRÁFICA DOS DOIS SEPULTAMENTOS SOB O MONTÍCULO

possivelmente dentro de um cesto, para um local diferente, onde são depositados em uma cova sobre a qual se ergue o montículo. Esses dois padrões foram também observados em sítios escavados em Santa Catarina, onde, assim como em Pinhal da Serra, ambos os padrões eram por vezes encontrados associados sob o mesmo montículo (Herberts & Müller, 2007; Müller, 2008; De Masi 2006, 2009). Para Müller (2008), a presença única de piras funerárias em alguns dos montículos implica que este é um padrão de disposição diferente do sepultamento secundário. Por outro lado, os dados obtidos por De Masi (2006, 2009) sugerem que, ao menos no caso do sítio SC-AG-12, onde foram evidenciados 6 sepultamentos secundários e uma pira funerária com poucos ossos calcinados na base do montículo, não haveria sepultamentos primários no sentido estrito do termo, uma vez que a pira seria limpa dos ossos recolhidos para serem transportados ao local definitivo de sepultamento. No caso do sítio RS-PE-29 3A, a diferença nas datas refutou a hipótese inicial de que as duas micro-estruturas localizadas lado a lado representariam duas etapas do mesmo rito, implicando que, no caso em questão, é pertinente a diferenciação entre dois padrões de disposição dos ossos cremados, um primário (pira funerária com os ossos sepultada *in loco*) e outro secundário (ossos transportados em um cesto). Esta é, contudo, uma interpretação preliminar que pode ser alterada por escavações futuras de um número maior de sepultamentos.

## DOIS TIPOS DE SÍTIOS: OS “DANCEIROS” E OS TÚMULOS

As duas estruturas analisadas correspondem a dois tipos diferentes de sítios: um, representado pela Estrutura 3, apresenta dois pequenos aterros anelares cercado montículos funerários; o outro, representa-

do pela Estrutura 1, apresenta um grande aterro anelar delimitando um espaço interno amplo e limpo, porém sem sepultamentos. Esse padrão pode ser encontrado desde as pesquisas de Rohr (1971), pois entre os sítios identificados por esse arqueólogo apenas os pequenos (aterros de 15 a 20 m de diâmetro) possuíam montículos, enquanto os maiores (65 e 70 m de diâmetro) cercavam um amplo espaço vazio. De Masi (2006) retomou essa distinção para o baixo vale do rio Canoas, Santa Catarina, denominando os círculos menores com montículos de “túmulos” (e seus agrupamentos de “cemitérios”) e os círculos maiores sem montículos de “danceiros”.

O autor chega a essas conclusões a partir de analogia etnográfica com os Xokleng, habitantes da região por ocasião do contato. Os Xokleng praticavam a cremação dos mortos, sepultando-os sob pequenos montículos, de 60 cm de altura, ainda no início do século XX (Silva, 2001:152; Métraux, 1946:465). O cadáver, envolvido em um cobertor, era disposto sobre uma pilha de madeira à qual se ateava fogo, retornando os participantes da cerimônia um dia depois para recolher os ossos calcinados em um cesto forrado com folhas de xaxim, que era então transportado ao local definitivo de sepultamento, sendo depositado em uma pequena cova sobre a qual se erguia um montículo cônico (Lavina, 1994:66). A construção de montículos funerários era também uma prática entre os Kaingang do Rio Grande do Sul (Mabilde, 1897), do Paraná (Borba apud Silva, 2001:151) e de São Paulo (Métraux, 1946), embora sem a cremação. O rito funerário Jê do Sul envolvendo o sepultamento secundário após cremação e a posterior construção de um montículo sobre a cova pode ser traçado até o século XVII, graças à descrição do Pe. Ruiz de Montoya que, em missão entre os então

chamados “Gualachos” da província espanhola do Guairá (hoje Paraná), testemunhou: “quemán el cuerpo [...] recojen las cenizas y hacen un hoyo y enterranlas [...] y sus caciques hacen un monton de tierra sobre la sepultura” (Montoya, 1628 apud D’Angelis e Veiga, 1996:94).

Em relação aos “danceiros”, não há equivalentes etnográficos da construção dos monumentais aterros anelares. Contudo, De Masi (2006, 2009) faz uso de analogia com os locais onde os Xokleng realizavam o rito de iniciação que envolvia a perfuração dos lábios dos meninos. Para esse rito, os Xokleng reuniam periodicamente todos os bandos dispersos e limpavam uma grande área circular, ao redor da qual construíam abrigos; o rito, realizado na “praça” central, incluía o consumo de bebida alcoólica e culminava com a perfuração dos lábios dos meninos para introdução dos tembetás (Lavina, 1994:64). De Masi (2006, 2009) identificou, em um dos “danceiros” escavados (sítio SC-AG-12), um grande número de estruturas de combustão na praça central, além de estatuetas de argila e um tembetá de quartzo, confirmando o caráter ritual do sítio e sua possível conexão com as práticas Xokleng descritas na etnografia. Em Eldorado, Argentina, novas pesquisas realizadas no sítio originalmente descrito por Menghin (sítio PM01), um aterro anelar de 180 m de diâmetro, ao qual se ligam outros aterros anelares menores, trouxeram informações semelhantes: estruturas de combustão análogas a fornos subterrâneos ou de tipo “polinésio” – um tipo de estrutura descrita por Métraux (1946:452-453) para os Kaingang do período histórico – associadas a cerâmica contendo fitólitos de milho – sugerindo um evento de consumo de grande quantidade de comida e, possivelmente, de bebida fermentada de milho por ocasião da realização de festejos funerários, reforçando os paralelos

etnográficos (Iriarte et al., 2008, 2010). É importante ressaltar que, ao passo que no sítio SC-AG-12 os fornos estavam dispostos em semi-círculo ao redor de um montículo central, ou seja, na praça interna, no caso do sítio PM01 tais fornos se encontram diretamente sob o aterro anelar, incorporados a ele. Embora a maioria dos grandes aterros anelares ou “danceiros” cerque um espaço vazio, espécie de “praça” interna, deve-se ter em conta que tanto no caso do sítio SC-AG-12 quanto no caso do sítio PM01 o grande aterro anelar e as evidências de feasting estão associados a um montículo central de caráter funerário. Para De Masi (2006, 2009), isso implica que os indivíduos sepultados no montículo central, um adulto e uma criança, possuíam um status diferenciado, marcado também pelos acompanhamentos funerários que consistiam em uma fogueira e duas pequenas vasilhas. Em contraste, logo ao lado do grande aterro, foi localizado um aterro anelar de pequenas dimensões cercado um montículo com 6 sepultamentos, sem que houvesse quaisquer acompanhamentos que se pudesse associar a um indivíduo específico. Iriarte et al. (2008, 2010) também interpretam o sítio PM01 como um local onde um indivíduo de grande importância foi sepultado no montículo central, sendo esse local revisitado periodicamente para a realização de festejos funerários envolvendo o consumo de uma bebida fermentada de milho e grande quantidade de carne. Ao mesmo tempo, durante tais encontros se acrescia mais terra ao grande aterro anelar, aumentando suas dimensões ao longo de gerações, conforme evidenciado pelas datas obtidas em diferentes níveis do aterro (Iriarte et al., 2008:951-953).

As novas pesquisas no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e em Misiones, Argentina, proporcionaram novos dados que permitem refutar a hipótese de que os sí-

tios com aterros anelares seriam aldeias fortificadas. Não só esses sítios não são habitações, como também se encontram separados das habitações, o que lhes confere o caráter de “centros cerimoniais”, designação já utilizada por De Masi (2009). Centros cerimoniais são lugares onde diferentes grupos vindos de assentamentos dispersos se encontram periodicamente para a realização de rituais coletivos (Bernardini, 2004:331; Twiss, 2008:423-424). Exemplos freqüentemente citados desse tipo de sítio são os henges construídos durante o Neolítico na Inglaterra (Bradley, 1998), os templos em forma de U do período formativo na costa peruana (Dillehay, 2004) e os aterros geométricos, montículos e avenidas do período Woodland médio nos Estados Unidos (Bernardini, 2004). Vimos que, no caso do planalto meridional brasileiro, esses sítios de caráter ritual podem ser de dois tipos: montículos encerrando sepultamentos cremados, cercados por pequenos aterros anelares, e grandes praças delimitadas por um aterro anelar. Adler e Wilshusen (1990), a partir da comparação entre casos etnográficos de sociedades que constroem estruturas arquitetônicas “públicas”<sup>1</sup> (categoria em que podemos incluir os centros cerimoniais), propõem uma distinção entre estruturas de baixo e de alto nível. As estruturas de baixo nível, com pequenas dimensões e espaço interno reduzido, serviriam para integrar apenas uma porção da comunidade; as estruturas de alto nível, por outro lado, possuiriam espaços internos amplos, e serviriam para integrar uma comunidade inteira ou várias comunidades separadas.

Muitos dos montículos funerários estão nas proximidades de algum conjunto de casas

semi-subterrâneas, e podem corresponder a cemitérios locais dessas comunidades (Saldanha 2005, 2008). Celebrações funerárias elaboradas reforçam os laços comunitários através da construção de uma memória coletiva representada pelos ancestrais falecidos. Esse é um aspecto que transparece especialmente nos sepultamentos secundários e múltiplos, como encontramos no planalto meridional. A cremação, limpeza, seleção dos ossos e seu transporte para o local definitivo de sepultamento, por vezes junto com outros indivíduos, além da construção do montículo e do aterro anelar, revelam grande esforço coletivo. Paralelos etnográficos revelam que o rito secundário, momento em que o morto é considerado propriamente sepultado, reúne a comunidade por completo, reprimindo a individualidade do morto e incorporando-o ao coletivo dos ancestrais, enfatizando assim a unidade dos vivos após a ruptura causada pela morte (Twiss, 2008:437; Larsson, 2003; Pearson, 1999:22, 50). Propomos, portanto, que os montículos funerários podem ser considerados estruturas integrativas de baixo nível, construídos e visitados por moradores de conjuntos de casas semi-subterrâneas nas suas proximidades, que aí participavam de inumações secundárias e ritos funerários coletivos, reforçando seus laços comunitários.

Para os aterros anelares de grandes dimensões, sugerimos uma função distinta. De Masi (2006, 2009) identifica, em um desses sítios, numerosos fornos, duas estuetas de argila, uma plataforma central, dois sepultamentos secundários, e um tembetá, equiparando-os aos locais preparados pelos Xokleng para a iniciação dos meninos, onde ocorria a reunião dos diferentes bandos dispersos ao longo do ano. Iriarte et al. (2008) descrevem um contexto

*O termo “público” não tem aqui o mesmo significado do que quando aplicado às praças mesoamericanas e andinas, mas é utilizado por nós da mesma forma como se costuma chamar de público o espaço da praça central nas aldeias Jê e Xinguanas, por oposição ao espaço “privado” das casas. O espaço público, nestes casos, é onde se dão as relações cerimoniais, formais, que reúnem toda a aldeia (Da Matta, 1976).*

similar para Misiones, Argentina, onde, além dos fornos que sugerem consumo de grande quantidade de alimentos, foram encontrados vestígios de consumo de bebida fermentada de milho. Os autores destacam a criação de alianças e solidariedade entre diferentes aldeias através das celebrações no espaço ritual da estrutura anelar, especialmente na situação de fronteira em que esta se encontra (Iriarte et al. 2008:12-15).

O espaço interno delimitado por esses grandes aterros anelares, uma verdadeira praça central, é apropriado para a agregação de um número maior de pessoas do que as que participariam dos ritos funerários nos montículos cercados por pequenos aterros anelares. Na Estrutura 1 do conjunto RS-PE-29, com 80 m de diâmetro, a estratigrafia do aterro, como notamos no início do artigo, sugere que a terra usada para construí-lo foi trazida de outro local, apontando para um esforço muito maior na sua construção em comparação com os sítios de menores dimensões. Acreditamos, portanto, que esses grandes aterros anelares ou “danceiros” poderiam corresponder à categoria de estruturas integrativas de alto nível, mobilizando o trabalho de muitas comunidades diferentes, possivelmente provenientes de distintos conjuntos de casas semi-subterrâneas dispersos pela região, e cuja praça interna seria planejada para abrigar o grande número de pessoas provenientes dessas comunidades durante os rituais. Assim, a mesma comunidade poderia participar, com frequência, de rituais mais restritos em montículos funerários e pequenos aterros anelares próximos às suas habitações, e também poderia, periodicamente, integrar-se com membros de outras comunidades durante a construção e a realização de rituais coletivos nos grandes aterros anelares. Essa é uma interpretação que deve ser testada em escava-

ções futuras, com o objetivo de recuperar evidências materiais de tais agregações.

Não se pode esquecer que essa dinâmica de agregações regionais é atestada pela etnografia dos grupos Jê do Sul. Já mencionamos o exemplo dos Xokleng, que reuniam os bandos dispersos periodicamente para a realização do rito de iniciação. No caso dos Kaingang, que estavam tradicionalmente organizados em cacicados, essa dinâmica é ainda mais evidente. Segundo Fernandes (2004), os Kaingang estariam divididos em facções capazes de atingir formas de atuação conjunta. Tais divisões corresponderiam a grupos locais – formados por um conjunto de grupos familiares – com seus domínios político-territoriais autônomos, porém interligadas por redes de aliança e conflito através das quais se organizavam para formar “blocos” de atuação política. O autor reconhece que os Kaingang se enquadrariam na definição clássica de sociedade segmentar, o que significa que seu sistema social é composto de grupos locais que podem se articular em unidades maiores (Fernandes, 2004:102). Nesse caso a integração regional era mediada pelos caciques principais, autoridade máxima sobre um conjunto de grupos locais, havendo também caciques subordinados responsáveis por cada grupo. Fernandes (2004:105) destaca o papel das “festas” ou rituais, especialmente os de caráter funerário, na integração dos grupos regionais Kaingang. Já mencionamos que, conforme Mabilde (1897:165), os subordinados de um determinado cacique se reuniam por ocasião de sua morte para a construção de seu montículo funerário. Ainda recentemente, o rito funerário Kaingang realizado periodicamente para se “rezar” pelos mortos recentes era peça central de sua sociedade, momento em que se integravam diferentes grupos e se fazia referência aos mitos de origem, promovendo-se cantos e danças nos

cemitérios acompanhados de bebida de mel fermentado (Veiga 2000; Crépeau, 1994). A centralidade dos ritos mortuários, bem como de rituais de outra natureza, para manutenção das redes de interação e integração regional são aspectos ressaltados pelas etnografias que as pesquisas arqueológicas têm demonstrado serem também válidas para o período pré-colonial, de modo que podemos estar tratando de questões estruturais para as sociedades Jê do Sul.

## CONCLUSÃO

As pesquisas em Pinhal da Serra trouxeram informações adicionais sobre a variabilidade dos sítios de aterros anelares e montículos no planalto meridional. O cenário que propomos possui paralelos em outros contextos arqueológicos e etnográficos, como mencionamos ao longo do artigo: a agregação periódica de comunidades dispersas, materializada na construção e uso de monumentos públicos de caráter cerimonial, é utilizada para explicar desde os barrows e henges da Inglaterra neolítica (Bradley, 1998) até os templos da costa pe-

ruana no período formativo (Dillehay, 2004). A arquitetura padronizada desses monumentos – assim como no caso Jê do Sul – pode ser interpretada como resultante da interação a nível regional dessas populações: cada comunidade constrói e usa múltiplos monumentos, ao mesmo tempo em que diferentes comunidades podem convergir na construção e uso de um único centro cerimonial de maior importância (Bernardini, 2004:336).

Apesar de ser um processo recorrente na trajetória das sociedades humanas, a organização regional e a emergência de monumentos e espaços públicos possuem características próprias em cada época e cada local. Acreditamos que nossas pesquisas nos aterros anelares e montículos do planalto meridional (um contexto ainda pouco conhecido) são uma importante contribuição a um cenário que, graças às discussões a respeito de sítios como os geoglifos do Acre, as estruturas megalíticas do Amapá e os sambaquis do litoral, tem demonstrado a originalidade e a complexidade do passado das terras baixas sul-americanas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADLER, M. & WILSHUSEN, R. 1990. Large-scale integrative facilities in tribal societies: cross-cultural and Southwestern U.S. examples. *World Archaeology*, 22(2):135-146.
- BERNARDINI, W. 2004. Hopewell geometric earthworks: a case study in the referential and experiential meaning of monuments. *Journal of Anthropological Archaeology*, 23:351-356.
- BRADLEY, R. 1998. The significance of monuments: on the shaping of human experience in Neolithic and Bronze Age Europe. Londres, Routledge.
- CHMYZ, I. 1968. Subsídios para o estudo arqueológico do Vale do Rio Iguacu. *Revista do CEPA, Curitiba*, 1:51-52.
- COPÉ, S. M.; SALDANHA, J. D. M.; CABRAL, M. P. 2002. Contribuições para a pré-história do planalto: estudo da variabilidade de sítios arqueológicos de Pinhal da Serra, RS. *Pesquisas: Antropologia, São Leopoldo*, 58:121-139.
- COPÉ, S. M. 2006. Les grands constructeurs précoloniaux du plateau du sud du Brésil: étude de paysages archéologiques à Bom Jesus, Rio Grande do Sul, Brésil. Tese de Doutorado. Paris, Universidade de Paris I – Panthéon – Sorbonne.
- COPÉ, S. M. 2007. El uso de la arquitectura como artefacto en el estudio de paisajes arqueológicos del altiplano sur brasileño. *Cazadores-recolectores del Cono Sur: revista de arqueología, Mar del Plata*, 2:15-54.
- CRÉPEAU, R. 1994. Mythe et rituel chez les indiens Kaingang du Brésil meridional. *Religiologiques*, 10:145-157.
- DA MATTA, R. 1976. Um mundo dividido: a estrutura social dos índios Apinayé. *Petrópolis, Vozes*.
- D'ANGELIS, W. R. & VEIGA, J. 1996. Fontes fundamentais para o estudo do ritual Kaingang do Kikikoi (séc. XVI a séc. XIX). *Anais do IV Encontro de Cientistas Sociais, Chapecó*, pp. 92-108.
- DE MASI, M. A. N. 2006. Arqueologia das Terras Altas do Sul do Brasil: o baixo vale do rio Canoas, SC. In: DE MASI, M. A. N. (Org.), *Xokleng 2860 a.C.: as terras altas do sul do Brasil*. Tubarão, Ed. UNISUL, pp. 47-75.
- DE MASI, M. A. N. 2009. Centros cerimoniais do planalto meridional: uma análise intrassítio. *Revista de Arqueologia, São Paulo*, 22:99-115.
- DILLEHAY, T. D. 2004. Social landscape and ritual pause: uncertainty and integration in formative Peru. *Journal of Social Archaeology*, 4(2):259-268.
- FERNANDES, R. C. 2004. Uma contribuição da antropologia política para a análise do faccionalismo kaingang. In: TOMMASINO, K.; MOTA, L. T.; NOELLI, F. S. (Orgs.) *Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang*. Londrina, EdUEL, pp. 85-143.
- HERBERTS, A. L. & MÜLLER, L. M. 2007. Os sítios funerários do “projeto de arqueologia compensatória UHE Barra Grande – SC”. *Anais do XIV Congresso da SAB, Florianópolis*.
- IBGE. 1992. *Manual técnico da vegetação brasileira*, n. 1. Rio de Janeiro, IBGE.
- IRIARTE, J.; GILLAM, J. C.; MAROZZI, O. 2008. Monumental burials and memorial feasting: an example from the southern Brazilian highlands. *Antiquity*, 82(318):947-961.
- IRIARTE, J.; MAROZZI, O.; GILLAM, J. C. 2010. Monumentos funerarios y festejos rituales: complejos de recintos y montículos Taquara/Itararé en El-Dorado, Misiones (Argentina). *Arqueología Iberoamericana* 6:25-58.
- LARSSON, A. 2003. Secondary burial practices in the Middle Neolithic: causes and consequences. *Current Swedish Archaeology*, 11:153-170.
- LAVINA, R. 1994. Os Xokleng de Santa Catarina: uma etnohistória e sugestões para os arqueólogos. *Dissertação de Mestrado, São Leopoldo, UNISINOS*.
- MABILDE, P. A. B. 1897. Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação ‘Coroados’ que habitam os sertões do Rio Grande do Sul. In *Anuário do Estado do Rio Grande do Sul, anos XIII e XV*. pp. 145-167 e 125-151.
- MENGHIN, O. 1957. El poblamiento prehistórico de Misiones. *Anales de Arqueología y Etnología, Mendoza*, 12:19-40.
- MÉTRAUX, A. 1946. The Caingang. In STEWARD, J. (Ed.), *Handbook of South American Indians, Vol. 1: The marginal tribes*. Washington, Government Printing Office. pp. 445-475.
- MÜLLER, L. M. 2008. Sobre índios e ossos: estudo de três sítios de estruturas anelares construídos para enterramento por populações que habitavam o vale do rio Pelotas no período pré-contato. *Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, PUCRS*.
- PEARSON, M. P. 1999. *The Archaeology of Death and Burial*. Gloucestershire, Sutton Publishing Limited.
- RIBEIRO, P. A. M. & RIBEIRO, C. 1985. Levantamentos arqueológicos no município de Esmeralda, RS, Brasil. *Revista do CEPA, Santa Cruz*, 12(14):49-105.
- ROHR, J. A. 1971. Os sítios arqueológicos do planalto catarinense, Brasil. *Pesquisas: Antropologia, São Leopoldo*, 24.
- SALDANHA, J. D. M. 2005. Paisagem, lugares e cultura material: uma arqueologia espacial nas terras altas do sul do Brasil. *Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, PUCRS*.
- SALDANHA, J. D. M. 2008. Paisagem e sepultamento nas Terras Altas do Sul do Brasil. *Revista de Arqueologia, São Paulo*, 21:85-95.
- SILVA, S. B. 2001. *Etnoarqueologia dos grafismos Kaingang*. Tese de Doutorado. São Paulo, USP.
- TWISS, K. C. 2008. Transformations in an early agricultural society: Feasting in the southern Levantine Pre-Pottery Neolithic. *Journal of Anthropological Archaeology*, 27:418-442.
- VEIGA, J. 2000. *Cosmologia e práticas rituais Kaingang*. Tese de Doutorado. Campinas, UNICAMP.